

# Líderes estudantis querem mudar ensino

Fotos: Antonio Cuenca

Está surgindo uma nova liderança estudantil em Brasília. Não é da Universidade de Brasília — tradicional centro de efervescência —, mas das escolas secundárias, públicas e privadas, que foram atingidas este ano por greve dos professores e locaute dos proprietários. Adolescentes, impetuosos e inexperientes, eles criaram há três meses o "SOS-Educação", movimento que pretende ser, antes de tudo, apartidário e sem compromissos ideológicos. "É possível fazer um movimento sem cair nos clichês e nos velhos chavões", avalia Cynthia Garda, 16 anos, aluna do Colégio Leonardo da Vinci.

O "SOS-Educação" conta com apenas 50 adesões, mas foi capaz de mobilizar, na última quarta-feira, 4 mil estudantes numa passeata da Torre de TV até o Palácio do Buriti, onde cobrou do governador Joaquim Roriz providências para evitar a greve dos professores da Fundação Educacional e para o fim do locaute das escolas particulares. A partir daí, os estudantes conseguiram a participação nas negociações entre o governo e os professores da Fundação Educacional sobre o Plano de Carreira, ainda que como ouvintes. "Fomos vitoriosos", comemora Carlos Libório, 18 anos, aluno do Colégio Objetivo, um dos cinco líderes do "SOS-Educação" entrevistados.

Os novos líderes constataam que a educação está em crise, mas não possuem propostas para tentar solucioná-la. "Não vai ser uma lei, um quadro político, que vai alterar a situação do ensino", diz Cynthia. O vilão para eles é o Governo.



Eles são líderes estudantis vivendo a fase final da transição democrática do País e reivindicam ensino de melhor qualidade

## O que pensam esses novos representantes dos estudantes



**Cynthia Denise Garda, 16 anos, aluna do 2º ano do Colégio Leonardo da Vinci:** Admiradora de música erudita, especialmente Tchaikovski, tem como ídolo Caetano Veloso, pela sua capacidade de renovar os trabalhos sem ficar parado no tempo. Sempre convicta de suas idéias, impõe argumentos apesar de bastante polida ao interromper os colegas. É firme ao dizer que o governador Joaquim Roriz não é nada diferente do que existe por aí. Quanto ao presidente Sarney, prefere não perder tempo falando dele.



**Alexandre Faad, 19 anos, aluno do 3º ano do Colégio da Asa Norte (Can):** Admira Che Guevara, pelo seu espírito revolucionário e por isso gosta de usar um broche dele em suas roupas. Cabeludo, descontraído e um brinco na orelha esquerda, Alexandre garante entretanto que não é rebelde. "É apenas o meu jeito de ser". Tem um projeto longo para o seu futuro profissional: pretende cursar Comunicação e História, e, posteriormente, seguir carreira política, "para mudar as coisas".



**Marcos Antônio de Souza, 18 anos, aluno do 2º ano do Centro Educacional Eit de Taguatinga, presidente do grêmio estudantil da escola:** Carrega sempre debaixo do braço um exemplar da Constituição, que é para mostrar e exigir dos outros os seus direitos. Considera-se bem "abrasileirado", prefere ritmos musicais quentes, como o forró e a lambada. Mas, entretanto, acha que há coisas mais fundamentais do que a diversão, como, por exemplo, frequentar museus. Gosta de livros críticos sobre realidade.



**Carlos de Souza Libório Bisneto, 18 anos, aluno do 3º ano do Colégio Objetivo:** o mais exaltado dentre os entrevistados, Carlos defende sempre suas convicções baseado em teorias que conheceu através de leituras de livros informativos e políticos, como "Democracia, Utopia e Paixão", "1968, O Ano não acabou" e "Brasil, Nunca Mais". Acha que cigarro é um vício que as pessoas têm de ter, mas deviam respeitar aquelas que não o admitem. Pensa em cursar Comunicação e posteriormente Sociologia.



**Paulo Gonçalves Costa, 17 anos, aluno do 2º ano do Colégio Marista, presidente do grêmio estudantil da escola:** Adepto de práticas desportivas, Paulo é bem ponderado em suas afirmações, que procura sempre justificar. Diz que é muito fácil falar de preservação do verde, da defesa da Amazônia, e não praticar pequenas ações no dia-a-dia coerentes com esta preocupação. Gosta de música nacional, de preferência rock, e se orgulha de participar há vários anos da banda marcial da escola, onde toca bumbo.

Temas	Cynthia	Alexandre	Marcos Antonio	Carlos	Paulo
<b>Sexo</b>	Como mulher sofro muito mais pressão. Acho essencial para o ser humano se desenvolver. Não deve ser usado como propaganda para classes que querem fazer seu posicionamento ideológico prevalecer.	Essencial, mas deve ser feito com amor.	Fundamental biologicamente, mas deve ser feito com amor e muita inteligência para que não se criem problemas.	Necessário, porque o homem é um animal como outro qualquer.	Normal. Essencial para o ser humano, mas deve ser feito com amor.
<b>Aids</b>	Não tem sido encarada de frente. Na minha escola faltam informações e quando encontro é dos próprios alunos que tomam a iniciativa.	Faltam informações	Um mal difícil de ser controlado. Fala-se muito em projetos, mas na prática não acontece nada.	O governo precisa fazer programas informativos mais eficazes, porque é o mal do século e não tem cura.	A gente tem de tomar muito cuidado e muita atenção
<b>Drogas</b>	Não uso e acho que todos os programas que têm sido feitos de combate são ineficientes porque não atacam causa nenhuma e são simplesmente paliativos.	Deve-se ter informação e atacar o mal pela raiz, combatendo os traficantes. O drogado é apenas uma vítima.	Nunca consumi e sou contrário ao tráfico. Deviam ser tomadas medidas, pois muita gente se enriquece com isso.	Não uso, mas a decisão depende de cada um. O Estado deveria informar e depois cuidar dos que já se viciaram.	Não uso e não recrimino a pessoa que usa. Só acho que não é o caminho.
<b>Pais</b>	Tenho discussões infundáveis com meus pais, porque eu questiono muito a consciência do jovem que fez a revolução sexual nos anos 60. De repente, era um modismo ser revolucionário.	Minha mãe é mais careta, apesar de ser muito liberal. Ela fala giria, se identifica e procura pensar como nós.		Meus pais viveram num período ditatorial — eu sou filho da ditadura. A estrutura social do País é autoritária e isso reflete na célula familiar.	Na minha casa há diálogo. No caso de minha mãe (sou órfão de pai), se decido alguma coisa, está decidido. Não há grandes conflitos.
<b>Geração Coca-Cola</b>	A gente faz parte de uma geração que tem opiniões divergentes. Quem rotula um jovem assim, sem querer está servindo ao governo, à classe dominante. Minha geração é amplamente individualista.		O jovem latino-americano é diferente do europeu e do norte-americano, que estão a fim de fazer o seu movimento baseado no consumismo e na curtidão. Já o jovem latino faz um movimento consciente, com idealismo.	A geração de 68 explodiu. Nós somos a geração da análise. Fomos um pouco prejudicados pela ditadura.	
<b>Voto</b>	Penso em Mário Covas pelo apoio partidário que ele tem. Votaria no Roberto Freire pelas suas posições ideológicas.	De direita votaria no Afif e de esquerda votaria no Freire, voto pelo candidato.	Lula, porque tem uma proposta alternativa para o País.	Lula, porque acredito na sua proposta de democracia.	Possivelmente, Mário Covas. Acredito em sua capacidade de pôr em prática o que propõe, o que eu não vejo na maioria dos candidatos.
<b>Ideologia</b>	Não consegui encontrar nenhuma, até agora, que reúna as minhas idéias.	Não tenho ainda. Estou procurando.	De esquerda-socialista. Um socialismo moderno, não os que existem em algumas nações.	Estou à procura.	Sou mais esquerda do que centro. Meu candidato ideal seria o Roberto Freire, mas pela atual conjuntura prego o voto útil.
<b>Escola</b>	A escola atual está nesse marasmo porque tenta, a qualquer preço, domesticar os jovens. A escola ideal seria aquela que lutasse para não enquadrar o homem como um ser doméstico.	Vinte anos de ditadura transformaram a escola nessa marca de não fazer a pessoa pensar, mas a escola deve conscientizar o aluno, prepará-lo para a vida como cidadão e permitir que ele pense por si mesmo.	Ela deveria ser voltada para o futuro, mas acontece que o jovem não vai ter mercado de trabalho garantido. O ideal seria a especialização e não fazer um curso superior para vender cachorro-quente. Eu tenho de fazer cursinho para passar no vestibular, porque o curso regular não dá base para chegar lá.	Existe um grande problema: a escola reprime a criatividade, o crescimento intelectual e não estimula o aprendizado. Ela suprime, sufoca o instinto do aluno. Deve ser do interesse do governo, principalmente no caso da rede pública, que a escola não tenha qualidade.	Não basta preparar o aluno para o vestibular. Também é função da escola criar uma consciência crítica.
<b>Greve dos professores</b>	Pode haver uma divisão de interesses entre alunos e professores: eles fazem greve, exercem pressão sobre os alunos e esses vão exercer sobre o governo. A greve é justa, mas os professores não estão atingindo o seu objetivo principal com ela, principalmente os da rede pública.	Membros do Sinpro disseram que os alunos deveriam ficar de fora das discussões. Onde está a democracia que o Sindicato sempre prega nos seus discursos?	Na hora da greve dizem: apoiem a gente, participem com a gente, o direito de greve é justo. Mas o processo está sendo errado. Essa foi a primeira vez que participamos de uma reunião de negociação, porque lutamos para isso.	Discutir se a greve é ou não é a melhor solução não é o caminho, já que estamos em um sistema capitalista que permite essa pressão. Mas o aluno é prejudicado em todas as instâncias — é a incompetência do governo que o prejudica.	Como qualquer profissional, eles têm o direito de exigir tudo, agora como profissional de educação eles estão comprometidos com os alunos. Então, penalizar os estudantes, como acontece, também não é certo. Se eles se preocupam tanto assim com o nível de ensino, deveriam dar o exemplo.